

**Fatores sócio eco culturais das infecções sexualmente transmissíveis: um enfoque na
educação em saúde**

Socio-cultural factors of sexually transmitted infections: a focus on health education

**Factores socioculturales de las infecciones de transmisión sexual: un enfoque en la
educación para la salud**

Recebido: 19/11/2019 | Revisado:22/11/2019 | Aceito: 08/12/2019 | Publicado: 21/02/2020

Laura Fontoura Perim

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7045-533X>

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

E-mail: lauraperim@hotmail.com

Aline Neutzling Brum

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9686-9602>

Universidade Federal do Rio Grande, Basil

E-mail: neutzling@live.de

Jeferson Ventura

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4005-3011>

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

Email: enf.jefersonv@gmail.com

Camila Nunes Cabral

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9514-1233>

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

Email: camila_nunes@hotmail.com

Daiane Porto Gautério

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5087-6110>

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

Email: daianeporto@furg.com

Resumo

Este artigo objetivou conhecer e refletir a cerca dos fatores sócio eco culturais, das infecções sexualmente transmissíveis, com enfoque na educação em saúde. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, de reflexão teórico-filosófica acerca dos fatores sócio eco culturais, das infecções sexualmente transmissíveis, em analogia com autores que discutem a temática

abordada. Buscaram-se referências que relacionam os fatores sócio eco e culturais com enfoque na educação em saúde. As Infecções Sexualmente Transmissíveis são problemas de Saúde Pública, devido à sua magnitude e dificuldade de acesso ao tratamento adequado. Aspectos socioculturais estão inseridos em diversas áreas da saúde principalmente naquelas mais estigmatizadas pela sociedade tais como as infecção sexualmente transmissíveis. Podemos observar a importância dos aspectos ecológicos no que tange as infecções sexualmente transmissíveis e como a dinamicidade do comportamento da sociedade impacta na sua evolução. O estudo revela quais aspectos são relevantes, no campo sócio eco cultural, das infecções sexualmente transmissíveis para a prevenção com enfoque na educação em saúde. A estratégia básica para o controle da transmissão das infecções sexualmente transmissíveis é a prevenção pelos meios que permitam atividades educativas que focalizem os riscos inerentes a uma relação sexual desprotegida, a mudança no comportamento e a adoção do preservativo, analisando os fatores particulares de cada segmento da comunidade.

Palavras-chave: Doenças Sexualmente Transmissíveis; Enfermagem; Educação em Saúde.

Abstract

To know and reflect about the socio-cultural factors of sexually transmitted infections, focusing on health education. Qualitative, descriptive study of theoretical and philosophical reflection on socio-cultural factors, sexually transmitted infections, in analogy with authors who discuss the theme addressed. References were sought that relate socioeconomic and cultural factors with a focus on health education. Sexually Transmitted Infections are public health problems due to their magnitude and difficulty in accessing appropriate treatment. Sociocultural aspects are inserted in several areas of health, especially those most stigmatized by society such as sexually transmitted infections. We can observe the importance of ecological aspects regarding sexually transmitted infections and how the dynamics of society's behavior impacts its evolution. The study reveals which aspects are relevant in the socio-cultural field of sexually transmitted infections for prevention with a focus on health education. The basic strategy for controlling the transmission of sexually transmitted infections is prevention by means of educational activities that focus on the risks inherent in unprotected sex, behavioral change, and condom adoption by analyzing the particular factors of each community segment.

Keywords: Sexually Transmitted Diseases; Nursing; Health education.

Resumen

Conocer y reflexionar sobre los factores socioculturales de las infecciones de transmisión sexual, centrándose en la educación sanitaria. Estudio cualitativo, descriptivo, de reflexión teórica y filosófica sobre factores socioculturales, infecciones de transmisión sexual, en analogía con los autores que discuten el tema abordado. Se buscaron referencias que relacionen factores socioeconómicos y culturales con un enfoque en la educación para la salud. Las infecciones de transmisión sexual son problemas de salud pública debido a su magnitud y dificultad para acceder al tratamiento adecuado. Los aspectos socioculturales se insertan en varias áreas de la salud, especialmente las más estigmatizadas por la sociedad, como las infecciones de transmisión sexual. Podemos observar la importancia de los aspectos ecológicos con respecto a las infecciones de transmisión sexual y cómo la dinámica del comportamiento de la sociedad impacta su evolución. El estudio revela qué aspectos son relevantes en el campo sociocultural de las infecciones de transmisión sexual para la prevención con un enfoque en la educación para la salud. La estrategia básica para controlar la transmisión de infecciones de transmisión sexual es la prevención que permite actividades educativas que se centran en los riesgos inherentes al sexo sin protección, el cambio de comportamiento y la adopción del condón mediante el análisis de los factores particulares de cada uno. segmento de la comunidad.

Palabras clave: Enfermedades sexualmente transmisibles; Enfermería; Educación en salud.

1. Introdução

As infecções sexualmente transmissíveis caracterizam-se como um problema de Saúde Pública. Conforme Vital e Reis (2015), estima-se que sejam mais de trinta as doenças endêmicas que compõem o grupo da ISTs, podendo citar as doenças clássicas mais transmitidas pelo ato sexual: HPV (Papiloma vírus Humano), Sífilis, Herpes genital, Gonorréia, Cancro Mole, Tricomoníase, Hepatite B e HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana).

Conforme a OMS, elas são a principal causa global de doença aguda, infertilidade, invalidez e morte e promovendo graves consequências psicológicas para milhões de homens, mulheres e crianças. Essas enfermidades são sub diagnosticadas e constituem importante causa de morbimortalidade, representando elevado custo socioeconômico em países em desenvolvimento e industrializado.

As IST são causadas por mais de 30 agentes etiológicos (vírus, bactérias, fungos e protozoários), sendo transmitidas, principalmente, por contato sexual e, de forma

eventual, por via sanguínea. A transmissão de uma IST ainda pode acontecer da mãe para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação. Essas infecções podem se apresentar sob a forma de síndromes: úlceras genitais, corrimento uretral, corrimento vaginal e DIP (Doença Inflamatória Pélvica). Algumas infecções possuem altas taxas de incidência e prevalência e facilitam a transmissão do HIV. Podem, ainda, estar associadas a culpa, estigma, discriminação e violência, por motivos biológicos, psicológicos, sociais e culturais BRASIL (2015).

As IST estão entre as 10 causas mais frequentes de procura por serviços de saúde, com consequências de natureza sanitária, social e econômica PINTO et al, (2018). Ao trabalhar as infecções sexualmente transmissíveis, com o enfoque de educação em saúde, é essencial considerar a realidade individual, social e econômica, associada a abordagem humana, tornando as intervenções mais próximas da realidade de cada indivíduo e comunidade.

Fatores sociais e culturais são associados com vários processos de vida do ser humano. Estão presentes em contextos políticos, gestores e inclusive na perspectiva de saúde e doença da própria população. Segundo Alves e Oliveira, (2018) os sujeitos sociais estão em constantes alterações e interações que devem ser consideradas para um entendimento de como ocorrem as complexas relações. Dentro dessa perspectiva, as infecções sexualmente transmissíveis estão diretamente relacionadas com as interações entre os sujeitos de diferentes segmentos da sociedade.

Os aspectos socioculturais estão inseridos em diversas áreas da saúde principalmente naquelas áreas mais estigmatizadas pela sociedade tais como infecção pelo HIV e doenças mentais TORRES et al (2010). A compreensão desses fatores, pelos profissionais de saúde, pode levar a melhores desfechos em relação ao direcionamento em saúde e inclusive no diagnóstico e no próprio tratamento das infecções sexualmente transmissíveis.

O enfrentamento das desigualdades sócio culturais estão diretamente relacionadas com o processo saúde/doença uma vez que essa caracteriza o modo como cada sociedade se organiza Souza et al, (2015). A abordagem ecossistêmica se relaciona com as implicações práticas de se pensar em sistemas complexos. Baseia-se na ideia de reconhecer a importância das cadeias de relação com a natureza e a sociedade, criando um novo conceito de normalidade Gomez e Minayo, (2006).

Desse modo, sinaliza-se a necessidade de reflexão de fatores sócio eco e culturais que influenciam de maneira significativa como acontece o processo de

transmissibilidade das doenças dentro dos diversos segmentos da sociedade. O principal instrumento desta estratégia seria o processo educativo continuado, com foco na conscientização e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis Brasil, (2002).

O Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde reconhece o valor do processo comunicativo/educativo, como uma oportunidade em que se destina grande quantidade de recursos humanos e financeiros para as atividades de prevenção em saúde com enfoque na educação social. O Programa prioriza três linhas de ações: produção de campanhas de massa, intervenções comportamentais e assessoria de imprensa, entendidas enquanto estratégias no enfrentamento desta epidemia, através da ampliação de informação qualificada para a população Oliveira e Sanza, (2018).

A relevância deste estudo, ancora-se na necessidade de conhecer e explorar os fatores sócio eco e culturais, das infecções sexualmente transmissíveis, seus benefícios e riscos, com um enfoque principal na educação em saúde. Objetiva-se conhecer e refletir acerca dos fatores sócio eco culturais, das infecções sexualmente transmissíveis, com enfoque na educação em saúde.

2. Metodologia

Estudo qualitativo, descritivo, uma reflexão teórico-filosófica acerca da saúde em analogia com autores que discutem as infecções sexualmente transmissíveis, as aspectos sociais, ecológicos e culturais e a educação em saúde. Para explorar possíveis alternativas em torno dos aspectos sócio eco culturais que permeiam as infecções sexualmente transmissíveis, buscaram-se referências sobre essa temática. A seguir, foram realizados estudos sobre os fatores que influenciam a educação em saúde com enfoque na prevenção e suas características principais.

Seguiu-se a leitura crítica-analítica intensa dos textos com a finalidade de selecionar os aspectos e as abordagens de maior significância quanto aos conceitos, características, princípios, convergências e divergências sobre a influência dos fatores sócio eco culturais e as infecções sexualmente transmissíveis. As leituras levaram ao aprofundamento da temática, à apreensão das ideias expressas pelos autores, nortearam a discussão do tema e auxiliaram a direcioná-lo ao encontro do objetivo. Utilizou-se com autor principal para a construção do ecossistema a leitura aprofundada de Frontier, 2001 que discorre sobre a definição, construção e interpelação de um ecossistema.

3. Resultados

Após as compreensões e leituras constrói-se o ecossistema das infecções sexualmente transmissíveis.

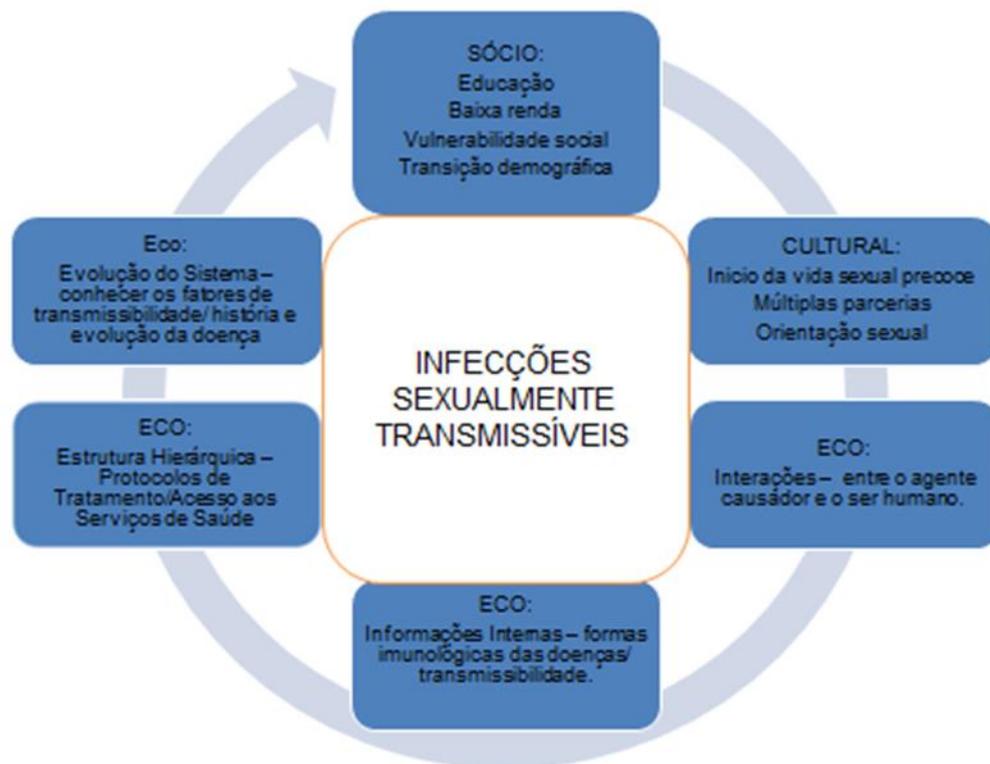


Figura 1 – Infecções Sexualmente Transmissíveis, sua inter-relação com os aspectos sócio culturais e princípios ecossistêmicos. Organizado pela autora.

Segundo Frontier, (2001) o sistema é um conjunto de elementos e interações, elementos que interagem entre si e eventualmente podem interagir com o meio. O sistema não se apresenta estático, ele está em contínua transformação tanto no social, como no cultural e influências ecológicas. Por outro lado um sistema nunca está isolado nem fechado, contudo uma vez delimitado, pode manifestar uma dependência interativa a elementos exteriores que constituem e interferem o seu ambiente Frontier, (2001).

O ser humano alcança um nível de existência no qual a autonomia torna-se uma meta possível. Processos como regulação e tomada de decisões permitiu, ao ser humano, constituir a condição de possibilidade onde os seres podem operar sobre as condições de contorno dos fenômenos físicos e químicos Samaja, (2000). As noções de saúde e doença são componentes de uma ordem descritiva que servem para qualificar estados possíveis, nos indivíduos vivos em toda a extensão da biosfera. Ao analisar cada situação de evolução,

observamos as principais influencias nesse processo, a cultura e herança genética relacionada ao leito familiar, a interação do indivíduo com o meio durante ser processo evolutivo e a influencia da sociedade a este indivíduo.

Conforme Frontier (2001) as características dos sistemas, podemos realizar a análise através de dez chaves principais, que permeiam os sistemas ecológicos em todas as escalas de percepção. As dez chaves são: as interações, as estratégias de atuação próprias dos sistemas, os fluxos e ciclos de matéria e energia, as dinâmicas através das condições de estabilidade e resiliência, informações internas através das diversidades dos elementos, a ocupação do espaço-tempo, a estrutura hierárquica, as relações entre física do meio e biologia das populações, a evolução dos ecossistemas e as interações entre ecossistemas.

Partindo do pressuposto de uma análise entre as chaves exploradas por Fontier (2001) e os fatores sócio eco e culturais que influenciam as infecções sexualmente transmissíveis algumas chaves mostram-se mais relevantes nessa análise. O elemento apresenta-se como a unidade funcional do sistema o seu processo de interação não pode agir isoladamente sem repercutir nos demais elementos do conjunto, a este processo podemos definir como o efeito de feedback. Na saúde, cada composto do ser humano tem uma função única e essencial, a interação entre esses componentes pode ocasionar uma cascata de interações que influenciam diretamente no processo saúde doença. Para analisar e conhecer uma patologia é necessário identificar a fonte de sua causa bem como a interação desse agente aos demais elementos do corpo humano, logo a consequência dessa interpelação.

Fatores sociais que influenciam o risco de transmissibilidade das infecções sexualmente são: educação, baixa renda, vulnerabilidade social e a transição demográfica. Conforme WHO, (2008) existe uma ordem sequencial entre essas diferentes, esferas nas quais se organiza a vida humana, dentro da sociedade, pois não há dúvida de que a primazia temporal corresponde às relações. Essas relações, historicamente, transcendem apenas as relações sociais e perpassam nas relações sexuais.

A escolaridade tem sido associada às IST, pois na literatura há descrição de associação entre menor escolaridade e início sexual precoce onde ambos apresentam-se como fatores extremamente relevantes para o estabelecimento de políticas de prevenção Mayaud e Mabey, (2014). A falta de informação, a baixa adesão das escolas em trabalhar temas como sexualidade e prevenção impactam na predisposição do grupo jovem e adolescente frente às infecções sexualmente transmissíveis. Existe a necessidade de trabalhar a educação em saúde com enfoque na prevenção às IST reflete a importância de abordar esses temas dentro das escolas e nas rodas de conversa dos jovens que iniciam sua vida sexual.

A transição demográfica impacta diretamente no curso da epidemia das IST no Brasil. Contamos, hoje, com investimentos para melhorar a qualidade de vida dos idosos, onde essa população começa a viver a vida em sua plenitude, com aumento das relações sociais e, principalmente, sexuais. Segundo Sousa, (2018) o processo da transição demográfica apresenta riscos antes característicos de faixas etárias mais jovens e estão cada vez mais acometendo pessoas a partir dos 60 anos. Atualmente, têm-se percebido mudanças no curso da epidemia de aids, e uma delas é o aumento do número de casos entre idosos.

Em consequência dessa transição demográfica mundial, no relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde, a Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que recentes evidências a respeito do processo de envelhecimento indicam que muitas percepções e suposições sobre a população idosa são baseadas em estereótipos ultrapassados OMS, (2015). Nesse contexto, no que tange a sexualidade, estudos acerca do processo de envelhecimento evidenciam que as pessoas idosas continuam sendo sexualmente ativas, mesmo a sociedade tratando a sexualidade na velhice como um tabu Dantas, Filho, Nascimento, (2017). Torna-se necessário inserir esse segmento populacional nas ações de educação em saúde.

Segmentos dentro de uma sociedade são considerados vulneráveis a alguns tipos específicos de doenças e agravos. Podemos definir a vulnerabilidade como sendo a possibilidade de uma pessoa adoecer relacionada não apenas com fatores individuais, mas também ao coletivo Duarte, Parada, Souza, (2014). De acordo com dados do Ministério da Saúde, a prevalência do HIV/aids na população em geral é 0,4%, enquanto que a prevalência em populações vulneráveis como usuários de drogas, homens que fazem sexo com homens e mulheres profissionais do sexo tem sido estimada em 5,9%, 10,5%, e 4,9%, respectivamente Brasil, (2014).

Podemos evidenciar a importância do estilo e da cultura na determinação do processo de adoecimento, quando relacionado às doenças transmissíveis, pode ser uma forte influência aos modos de vida adotados pela população em uma determinada sociedade e um determinado tempo SOUZA et al, (2015). Para Piovesan (1970), a cultura refere-se aos modos de agir, sentir e pensar de um povo, e as crenças, os valores e os costumes permeiam o contexto de vida das pessoas e interferem na forma como elas se comportam diante de situações de saúde e doença.

Fatores como o início da vida sexual precoce associado às múltiplas parcerias podem influenciar no risco de infecções sexualmente transmissíveis. Uma das maiores dificuldades de comunicação em saúde, está na distância cultural entre o usuário e a equipe de saúde, gerando conflito nas informações. Segundo Souza et al (2015) a educação em saúde

devem ser pautadas na sensibilização da comunidade, priorizando que os mesmos assumam comportamentos seguros e saudáveis, desmitificando algumas crenças e valores, quando necessário.

Partindo de uma abordagem ecossistêmica, podemos relacionar as IST no contexto acima citado ou analisa-lo a partir de suas interações. As interações, segundo Frontier 2001, podem refletir o caráter favorável ou desfavorável entre seus elementos.

As informações internas são necessárias para a compreensão de toda variância do ecossistema. As infecções sexualmente transmissíveis são classificadas em quase 28, porém as notificadas e mais exploradas são: Sífilis, HIV/AIDS e as Hepatites Virais. É necessário conhecer as características específicas dessas infecções, sua incidência e prevalência e assim relacionar aos fatores para sua maior interpretação. Cada ser biológico responde de uma maneira aos eventos adversos, conhecer e explorar as diversas apresentações biológicas das IST facilita o diagnóstico e o tratamento das mesmas Pinto, Basso, Barros, Gutierrez, (2018).

As IST são afecções que demandam ações, principalmente, de baixa complexidade tecnológica, porém ainda há dificuldade de integrar as ações de vigilância com a assistência. Uma vez que o sistema de saúde no Brasil assegura acesso universal e equitativo, é inaceitável que pessoas com IST não recebam diagnóstico precoce e tratamento oportuno com orientações completas. Na Atenção primária, deve haver ampla acessibilidade para diagnóstico e tratamento precoce, evitando complicações devidas a esses agravos, bem como a infecção pelo HIV.

Outra questão importante refere-se à falta de orientações para as pessoas que buscam tratamento de IST e a necessidade de aprofundamento científico a cerca desse grupo de agravos. Conforme Pinto, Basso, Barros e Gutierrez, (2018). Esse fato pode ser explicado por desconhecimento ou pelo não cumprimento do protocolo estabelecido para o manejo das IST por profissionais de saúde e falta de educação em saúde á população.

Ao analisarmos uma estrutura hierárquica de um ecossistema, conforme Frontier (2001) podemos entender que as interações podem influenciar de maneiras diferentes com o meio. Fatores como cultura, educação, conhecimento, lazer e as interações sociais estão mais próximas do cotidiano das pessoas e podem definir uma população. Questões relacionado ás Políticas Públicas, acesso ao diagnóstico e aos Serviços de Saúde encontram-se em um cenário mais distal, porem também relacionado ao processo das IST.

Conforme Fontes et all, (2017) torna-se necessário explorar os conhecimentos, atitudes e práticas que expõem os segmentos populacionais à maior vulnerabilidade. Essa observação

proporcionará subsídios relevantes à formulação, implementação e avaliação de políticas públicas em saúde reprodutiva e DST/AIDS. Caracteriza-se, ainda elaborar iniciativas, projetos e programas de fomento internacional, que atuam para a transformação e a incorporação de hábitos sexuais reprodutivos saudáveis.

Nos deparamos, ainda hoje, com o estigma, o preconceito, a vergonha e a culpabilização por parte do usuário que é acometido por uma IST. As diferentes formas de estigma e discriminação, com relação à AIDS e outras IST, ocorrem devido às características da doença e manifestam-se causando grandes impactos na vida dos usuários Garbin et al (2017). Esse processo resulta na auto estigmatização, a partir da qual os indivíduos acabam por aceitar as crenças negativas da sociedade, isolamento do convívio social e escolha por tratamentos caseiros que oportuniza complicações.

Segundo Frontier, (2001) a estratégia de um sistema complexo e auto organizado compreende a uma necessidade de decisão, que se deve no mesmo tempo as características aleatório das condições reencontradas e as características parcialmente imprevisível da evolução do próprio sistema. Compreendemos hoje que as IST, principalmente o HIV/AIDS não caracterizam uma sentença de morte.

Quando relacionamos as IST a questões temporais, estamos explorando a evolução do seu próprio sistema. Os avanços científicos, no que tange o diagnóstico e a assistência, permitem ao usuário portador de IST uma qualidade de vida. Somos tendenciosos a identificar somente os aspectos negativos do processo do adoecimento e quando referenciamos esse fato às IST carregamos ainda um olhar punitivo e julgador. Conforme Carvalho et al (2007) semelhante preocupação não tem sido dada à investigação dos fatores de proteção no desenvolvimento dos pacientes com HIV/AIDS, os quais podem estar contribuindo para a saúde, bem-estar, qualidade de vida e resiliência desses indivíduos. É papel da equipe de saúde conscientizar às equipes e comunidade quanto aos avanços e melhoria das condições dos portadores de IST.

Dessa forma, é mais comum a existência de estudos sobre os eventos negativos que aumentam a probabilidade de resultados negativos da infecção pelo HIV/AIDS na vida das pessoas (abandono do tratamento, violência doméstica em decorrência de revelação de diagnóstico, preconceito, estigmatização, abuso de drogas, por exemplo) do que o foco sobre fatores de proteção, cuja presença pode estar contribuindo para o desenvolvimento de respostas positivas por parte dos indivíduos Carvalho et al, (2007).

Apresentando-se como um grupo de doenças antigas e ainda hoje encontramos altos índices de contaminação e alta transmissibilidade. A evolução constante das taxas de

incidência nos remete a necessidade de conhecer e explorar as interações dos fatores que influenciam as IST na população, como a história natural da doença, evolução da doença, e como ela se descreve os diferentes segmentos da população.

Contemplando a magnitude epidemiológica das IST em consonância com o impacto dessa a população torna-se necessário explorar ações que viabilizem a educação em saúde como forma principal de prevenção. Em um campo de visão mais amplo, segundo Marques, Tyrrell e Oliveira, (2013) destacam a prevenção como estratégia básica para o controle das doenças IST/HIV, enfatizando que as atividades de prevenção através de ações de educação em saúde, a partir de constante informação para a população e outras estratégias educativas que possam favorecer a percepção de risco, mudanças de comportamento sexual e a promoção da utilização adequada de preservativos.

O documento que define a Política Nacional de DST/AIDS afirma que nas intervenções educativas devem ser trabalhados os aspectos pertinentes às atitudes e aos valores relacionados à autoestima e à conscientização sobre os fatores de risco da população para o HIV e outras DSTs, considerando seus aspectos culturais, suas características regionais e situações particulares do seu cotidiano Brasil, (2009).

4. Considerações Finais

O objetivo do estudo foi alcançado uma vez que as leituras tornaram possíveis a construção do ecossistema das infecções sexualmente transmissíveis. Esse ecossistema está relacionado aos aspectos sociais, ecológicos e culturais que permeiam essa temática e enfatiza a necessidade do conhecimento e exploração, pela equipe de saúde, ao focas nas ações de prevenção através da educação em saúde.

Em conclusão, os resultados indicam uma multiplicidade de fatores de risco às IST entre as adolescentes estudadas. Para se obter uma diminuição destes, são necessários investimentos sociais estruturais, especialmente no que diz respeito ao acesso universal à educação e à saúde.

São necessárias políticas de abrangência populacional que promovam mudanças de comportamento com programas educativos, comunicação social, acesso a alimentos saudáveis assim como o estabelecimento de laços de coesão social. Aqui se incluem políticas que busquem estabelecer redes de apoio e fortalecer a organização e participação das pessoas e das comunidade.

Referências

Gabin, C.A.S; Martins, R.F.; Belila, N.M; Garrbin, A.J.I. O estigma de usuários do sistema público de saúde brasileiro em relação a indivíduos HIV positivo. *DST - J bras Doenças Sex Transm* 2017;29(1):12-16.

Duarte MRC, Parada CMGL, Souza LR. Vulnerabilidade de mulheres vivendo com HIV/Aids. *Rev. latinoam. enferm.* 2014; 22(1):1-8.

Brasil, Ministério da Saúde. Manual de Saúde do Idoso. Brasília, MS, 2003.

Organização Mundial de Saúde. Resumo: Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Genebra: OMS; 2015.

Carvalho, F.T.; Morais, NA.; Koller, SH; Piccininni, CA. Fatores de proteção relacionados à promoção de resiliência em pessoas que vivem com HIV/AIDS. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 23(9):2023-2033, set, 2007.

Samaja, J. A reprodução social e a saúde: elementos metodológicos sobre a questão das relações entre saúde e condições de vida. Salvador: Casa da Qualidade, 2000.

Brasil. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico – AIDS e DST. Semanas Epidemiológicas Julho a Dezembro de 2013/Janeiro a Junho de 2014. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

Dantas, V.D.; Filho, R.C.B.; Nascimento, J.C.V. Sexualidade e qualidade de vida na terceira idade. *Rev. Bras. Pesq. Saúde*, Vitória, 19(4): 140-148, out-dez, 2017.

Sousa, J.L. Sexualidade na terceira idade: uma discussão da AIDS, envelhecimento e medicamentos para disfunção erétil. *DST – Doenças Sex Transm* 2018; 20(1): 59-64

Mayaud P, Mabey D. Approaches to the control of sexually transmitted infections in developing countries: old problems and modern challenges. *Sexually Transmitted Infections* 2014; 80(3):174-182.

Piovesan, A. Percepção cultural dos fatos sociais: suas implicações no campo da saúde pública. Rev. Saúde Públ. São Paulo, v. 4, 1970.

Brasil. Ministério da Saúde (MS). Saude.gov.br. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/area.cfm?id_area=1342

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. AIDS: O que pensam os jovens: políticas e práticas educativas. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; 2002.

Oliveira, M.J.P.; Lanza, L.B. Educação em saúde: doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência. Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba. 2018;20(3):138-41.

Torres López TM, Reynaldos Quinteros C, Lozano González AF, Munguía Cortés JA. Concepciones culturales del VIH/Sida de adolescentes de Bolivia, Chile y México. Rev Saude Publica. 2010;44(5)

Alves SAA, Oliveira MLB. Sociocultural aspects of health and disease and their pragmatic impact. J Hum Growth Dev. 2018; 28(2):183-188

Pinto, M.V.; Basso, C.R.; Barros, C.R.S.; Gutierrez, E.B. Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, Brasil. Ciência e Saúde Coletiva [on line]. V. 23, n.7, 2018.

Souza, A.T.S.; Pinheiro, M.D.; Costa, G.R.; Evangelhista, A.; Rocha, S.S. as influências socioculturais sobre as doenças sexualmente transmissíveis: análise reflexiva. R. Interd. V. 8, n. 1, p. 240-246, 2015.

Gómez, C.M.; Minayo, M.C.S. Enfoque ecossistêmico de saúde: uma estratégia transdisciplinar. Ver Gest Int Saúde do Trab e Meio Ambiente, v. 1, n.1, 2006.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Laura Fontoura Perim – 30%

Aline Neutzling Brum – 25%

Jeferson Ventura – 14,5%

Camila Nunes Cabral – 14,5%

Daiane Porto Gautéio – 16%